



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**APRENDENDO COM O APRENDIZ: O ENSINO MORAL NA ESCOLA
TÉCNICA DE SALVADOR (1944 - 1945)**

Maria Cecília de Paula Silva*
Fatima de Araújo Góes Santiago**

O APRENDIZ foi o jornal escolar produzido pelos estudantes da Escola Técnica de Salvador. Este periódico, de denominação peculiar, retrata uma parte da história da educação técnica e tecnológica desta escola e, neste artigo, objetivamos compreender alguns dos sentidos produzidos neste periódico, no que concerne ao ensino moral, especificamente nos anos de 1944 e 1945¹. Há indícios de que O APRENDIZ tenha iniciado seu ciclo de vida em 1935, alicerçado nos princípios do ‘*civismo, trabalho e perseverança*’ (O APRENDIZ, n.1, mar.44, p.2.), na Escola de Aprendizes e Artífices da Bahia, daí advindo seu nome, circulando por cinco anos – 1º ciclo.

Em março de 1944, inicia-se seu segundo ciclo de vida, quando é retomado como uma das ações do primeiro Projeto de Orientação Educacional desenvolvido na Bahia²,

* Professora do Programa de Pos-graduação em Educação da UFBA. Pós-doutorado em Sociologia pela Université de Strasbourg/FR.

** Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia. Doutoranda do Programa de Pos-graduação em Educação da UFBA.

¹ Estudo derivado da pesquisa de doutorado em educação da Faculdade de Educação da UFBA sobre representações e práticas corporais e culturais na Escola Técnica de Salvador de 1944 a 1947, visibilizadas no jornal escolar O APRENDIZ.

² O Projeto, coordenado pela professora Jane, contou com a reconstituição do acervo bibliográfico e a retomada do funcionamento da biblioteca e da Criação do Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador, de 1943 a 1947.

na Escola Técnica de Salvador, que hoje se chama Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA, *campus* Salvador. Dentre a variedade de temas abordados no jornal (biografias, datas do calendário cívico e escolar, as atividades esportivas, o trabalho, o estudo, a escola, o jornal, os ofícios, a literatura, o lazer, o riso, etc.), há uma forte presença dos discursos higienista e nacionalista, de forma mais intensa nos dois primeiros anos de sua circulação. Para esse artigo, propomo-nos a analisar perspectivas da educação moral na Escola Técnica de Salvador nos dois primeiros anos de produção do jornal, 1944 e 1945.

O objeto deste estudo foi definido depois da leitura e levantamento dos temas abordados nos artigos e pela linguagem própria do jornal: por suas sessões, conteúdos, ilustrações e pelas características de sua materialidade. Jean Hébrard (1998), apresentando um nova abordagem para o conhecimento das práticas escolares, cuja ênfase recai na produção de seus principais atores, estudantes e professores, propõe como método de estudo dos cadernos escolares e de outras fontes da escrita ordinária a constituição de uma bibliografia material. O caderno surge, portanto, como um suporte para a pesquisa das práticas de escrita e de leitura e para a história escolar, incluindo aí: currículo, cultura escolar, práticas pedagógicas e desempenho dos alunos. Uma vez que esse espaço gráfico determina a forma de aprendizagem, não apenas o que se escreve, mas também o como se escreve é importante nesse jogo. Anne-Marie Chartier (2007, p.45), em consonância com Hébrard, ressalta que o estudo dos conteúdos dos cadernos não deve se desvincular da análise do suporte, uma vez que “quem reflete sobre as aprendizagens escolares não pode abstrair-se das condições ‘materiais’ de sua realização.”

Tal análise se torna relevante no caso também do jornal escolar. O espaço gráfico do jornal irá determinar não apenas o que se publica, mas também o como se publica. O posicionamento e tamanho das matérias, o tipo de letra, os títulos e subtítulos, o *layout*, as ilustrações, convidará ou não o leitor a se interessar pela leitura do jornal, que, no espaço de circulação da escola, não se torna necessariamente obrigatória.

Como mostra Chartier (1998), além do espaço de publicação, o que se escreve relaciona-se também aos objetivos educacionais de cada época. Eles mudam de acordo com o contexto, a demanda social de uma sociedade específica por um tipo de educação. Podemos, assim, tomar o jornal escolar como um espelho das práticas educativas do

contexto em que foi produzido, ou seja, como um dispositivo de uma prática de ensino específica.

Ao tratarmos deste aspecto, estaremos utilizando a perspectiva de Eliseo Verón (1980) que afirma a necessidade de compreender os meios de comunicação como produtores chave de ideologias. Verón refletiu sobre a ideologia como uma dimensão central da produção de sentido, considerando-a estratégica. Estudar o ser humano e sua realidade, compreender os elementos básicos, parte da vida cotidiana e sistematizar os saberes sobre as formas culturais da vida. Para ele, importa reconhecermos que “as redes do comportamento social são uma camada relativamente autônoma da produção do sentido, e é nesse nível que um dia se poderá estabelecer a ponte entre as descrições globais dos modos de produção e o comportamento dos indivíduos em sociedade”. (Verón, 1980, p. 62).

DA COMPOSIÇÃO À PROPOSIÇÃO D'O APRENDIZ

As etapas de composição e impressão do jornal eram realizadas por jovens do gênero masculino, de 10 a 14 anos, alunos da 1ª à 4ª série do curso de tipografia e gravura³, como parte das atividades escolares. Os artigos eram escritos, sobretudo, pelos alunos do primeiro ciclo de ensino, porém, a partir de 1946, cresce a participação dos estudantes do curso técnico (de ambos os gêneros), com a Criação do Ciclo de Estudos da Escola Técnica de Salvador. No entanto, embora tenha sido criado como *Orgão dos Alunos da Escola Técnica de Salvador*, a *Redação* do jornal era de responsabilidade da Biblioteca e professores, funcionários e a coordenadora também escreviam, sendo esta última responsável pelas matérias não assinadas e pela organização, seleção e aprovação do conteúdo publicado. Alguns assuntos, a exemplo da higiene do corpo, eram de responsabilidade do médico e do dentista da escola, mas a maioria dos temas eram abordados pelos alunos e pelos professores e funcionários, a exemplo da prática esportiva, das datas comemorativas etc. Daí surgiu o problema ora levantado: até que ponto esse fato contribuiu para diferentes interpretações dos temas morais no contexto escolar do período e que podem ser visibilizados n'O APRENDIZ? Há diferentes representações

³ Em 1940, tinha dois ciclos (cada 1 de 4 anos): 1º: industrial básico (artífice) e mestria; e o 2º: técnico e pedagógico.

destes temas ou, ao contrário, ocorre a homogeneização no modo de ver a cultura escolar, vista aqui como um conjunto de discursos formadores de uma ideologia?

O jornal teve grande circulação na época, era lido tanto pela comunidade interna quanto externa. Exemplares impressos em papel *couché* eram encaminhados às autoridades ligadas do ensino, à indústria e à política como também às outras escolas técnicas do país e aos colégios ginasiais de Salvador. O conteúdo temático definido externamente seguia o tempo histórico do calendário escolar e cívico e incluía datas religiosas, como o São João.

Desde o primeiro ano de sua retomada, março de 1944, o jornal O APRENDIZ se revelou um importante veículo de comunicação da escola para relatar eventos comemorativos, os ritos sociais, as práticas corporais e culturais como também para propagar o discurso cívico e higienista. Observamos, já nas duas primeiras edições, a presença de termos que caracterizam o bom aprendiz e relacionavam as atividades cívicas a práticas de higiene e de esporte, necessárias ao desenvolvimento do corpo saudável e da formação moral. Assim, a palavra que intitula o jornal, O APRENDIZ, aparecia em associação a estudo, trabalho, sucesso, verdade, evolução, futuro, felicidade, amor, esforço, sacrifício, pátria e em oposição à ignorância, mentira e infelicidade. Os seguintes trechos ilustram essas significações:

A criança que não frequenta escola é infeliz. Cresce ignorante e o seu futuro é triste e difícil. (O APRENDIZ, n. 1, mar.44, p. 4).⁴

Destas colunas faço um apelo a meus colegas afim que contribuam com o seu esforço para o sucesso dos esportes em nosso meio, pois, dêse modo, trabalhamos não só pela saúde e desenvolvimento de cada um, mas também pela coletividade e pelo futuro da Pátria. (O APRENDIZ, n. 1, mar. 44, p. 4).⁵

Todo brasileiro tem que amar a sua Pátria servindo-lhe, fielmente, na paz ou na guerra.

O brasileiro que não ama ao BRASIL é um monstro.

⁴ Parágrafo conclusivo do texto “A ESCOLA”, escrito pelo aluno Argemiro dos Santos, 4ª série, no qual se apresentam os três tipos de educação: intelectual, moral e física. E a escola surge como “lugar abençoado onde se prepara o espírito e o caráter de cada cidadão”.

⁵ Parágrafo conclusivo do texto ESPORTES NA ESCOLA TÉCNICA, escrito pelo aluno Gilberto Gomes da Silva, 4ª série.

Sou e tenho orgulho de ser brasileiro. (O APRENDIZ, n. 2, abr. 44, p. 4).⁶

O uso pedagógico do jornal escolar como meio de expressão dos jovens e de conhecimento dos discursos que formam a cultura escolar é sintomático nos anos analisados, bem como a necessidade de relacionar o jornal à prescrições específicas para o desenvolvimento dessa mídia na escola de então.

O livro de Guerino Casasanta *Jornais Escolares*, publicado em 1939, serviu-nos para descrever e situar a proposta do jornal O APRENDIZ. Observe-se que este autor fora responsável por um inquérito sobre jornais escolares, no Estado de Minas Gerais, realizado em 1933, época em que ocupava o cargo de inspetor de ensino do Estado.

Casasanta (1939) propõe orientações para o desenvolvimento do jornal com base na experiência, nos pressupostos da *Escola Nova*. Para ele, o texto deveria ser de cunho infantil, mas orientado pelo professor. O jornal escolar é caracterizado como um jogo, um brinquedo que prepara a criança para a vida futura. O jornal é visto, ainda, como uma atividade extracurricular, que foi introduzida nas escolas juntamente com outras atividades de mesmo cunho: – os clubes de leituras, bibliotecas, clubes de ciências, de geografia, centros literários etc. O autor destaca ainda os valores genéricos dos jornais escolares, isto é, preparar o indivíduo para viver numa democracia, torná-lo autônomo, ensinar o valor da cooperação, despertar o interesse pelo estudo e pela escola, despertar nos jovens os sentimentos de ordem e legalidade.

Essa proposta de jornal escolar de Casasanta circulou no momento em que O APRENDIZ foi recriado por Dona Jane (1944)⁷, no contexto da Nova República, onde se buscava uma identidade cultural para a nação brasileira com base nos valores patrióticos, positivistas e nacionalistas difundidos pelo Estado Novo. Assim, Casasanta supõe que, embora o jornal seja tão antigo, a escola ainda não tinha se aproveitado de todos os seus valores como instrumento pedagógico, ou seja, ‘*agir com força útil, auxiliar da educação, instrumento de progresso e crescimento.*’ Ele defende que se o jornal não tiver a

⁶ Parágrafos finais do texto A BANDEIRA NACIONAL, escrito pelo aluno Milton Andrade Moraes, 1ª série F, no qual descreve-se os signos impressos na bandeira e sua simbologia.

⁷ Provavelmente esse foi o livro que a professora Jane Ribeiro afirmou ter lido, em entrevista preliminar. É amplamente reconhecida a grande circulação dos livros da Série Atualidades Pedagógicas, principalmente nas seguintes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. Encontramos um exemplar no setor de livros raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, em Salvador.

participação ativa dos alunos, está sendo desvirtuado. O estudante deve participar de sua organização e da vida do jornal, o qual não deve desprezar nem contrariar as aspirações dos discentes, pois como ele afirma: *‘O que devemos esperar do jornal é que seja educativo. É meio ótimo para que a personalidade da criança se patenteie, indicando os seus anseios, as suas tendências, as suas aptidões.’*

Por sua vez, o ART. 50º da Lei Orgânica do Ensino Industrial, instituída por meio do Decreto Lei nº 4073/42, pelo Presidente Getúlio Vargas e tendo como Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, atribuía ao orientador educacional a função de criar instituições escolares que fossem desenvolvidas de forma autônoma pelos estudantes, porém, sob a orientação de um professor.⁸ O que coube a Dona Jane fazer com o apoio da Direção Escolar, dos professores e funcionários.

O jornal O APRENDIZ, embora fosse escrito também por professores e funcionários, não fugiu a essas orientações, pois havia a preocupação com a linguagem dos estudantes, a professora-editora orientava a produção dos textos escritos pelos alunos e corrigia-os, buscando manter a estrutura sintática mais próxima dos originais. Por sua vez, não se podia falar de tudo. Temas como sexualidade, preconceito racial (muito presente na sociedade baiana de então) e críticas ao governo de Getúlio Vargas não podiam ser abordados, uma vez que o trabalho da professora era fiscalizado por inspetor do Ministério da Educação e Saúde e esses assuntos eram tabus na educação e sociedade da época.

Portanto, é necessário compreender como se desenvolveu o trabalho de produção, circulação e recepção do jornal O APRENDIZ, para entender os discursos que constituem a cultura escolar de então. Como eles são produzidos/reproduzidos num *‘estado de exceção’*, expressão usada aqui como um *‘patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo’*.

⁸ Art. 50 – *Incube também à orientação educacional, nas Escolas Industriais e Escolas Técnicas, promover, com o auxílio da Direção Escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de Instituições escolares, tais como as cooperativas, as revistas e jornais, os clubes ou grêmios, criando, na vida dessas Instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares.*

O APRENDIZ: PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A produção de sentidos para Verón (1980) acontece por meio da produção e circulação de discursos, considerando-se o sistema social como um todo. E o ideológico é compreendido como uma dimensão constitutiva de qualquer dimensão social. Assim, falar de discursos supõe da mesma maneira falar de ideologias e de sentidos.

Buscar os sentidos e o desvelar dos mesmos, ou seja, o ideológico inscrito nos discursos de variadas formações discursivas exige que consideremos o quadro social de produção e circulação desses discursos, sejam eles escritos, imagéticos, iconográficos, sonoros etc. Isso requer um tipo de análise que ultrapasse os limites do texto e esta é nossa intenção neste tópico: buscar ler nas entrelinhas dos discursos apresentados nos números aqui abordados, muitas vezes considerados como forma de entretenimento, comemoração, informação, humor e lazer.

Os textos publicados no O APRENDIZ remetem ao contexto do período que ficou conhecido no Brasil como a Era Vargas (1930-1945). O editorial de relançamento do jornal publicado na 1ª edição apresenta o seguinte objetivo do seu programa: “O APRENDIZ não pretende filigranar em suas colunas jóias literárias; quer apenas, prosseguir inabalável, nos seus alicerces de civismo, trabalho e perseverança, para atingir à (sic.) finalidade do seu programa, que, dadas as nossas possibilidades, terá de limitar-se a estímulo do estudo, do trabalho e do fiel cumprimento do dever”.

Vemos nessa apresentação do objetivo deste periódico a preocupação com a contextualização da informação veiculada por ele, cujo objetivo primordial não é a divulgação da cultura literária, mas sim a “formação de operários”, como também a propagação do ideário republicano no contexto escolar: o amor pátrio, a valorização do trabalho e a perseverança como objetivos a serem estimulados. Tal discurso moralizante, no Brasil, surge no período colonial e se estende até a República e a instauração do Estado Novo. O que foi a Era Vargas, em que o nacionalismo, o amor à pátria e ao trabalho eram os discursos mais cultuados senão uma tentativa de *‘domesticação do corpo e do espírito’*? Esses discursos perpassam a sociedade e a cultura escolar da época e se perpetuam nos textos escritos e visuais do O APRENDIZ. Dentre a variedade de temas abordados nas matérias deste jornal selecionamos aqui para análise o *elogio do trabalho*, a *criança que estuda*, o *amor pátrio* e os *cuidados higiênicos*.

Os três primeiros temas mostram que o ponto de vista presente no texto escrito pelos professores e funcionários repercute nos textos escritos pelos alunos sobre o mesmo tema. Esse fato assinala assim a preocupação da escola em ensinar comportamentos e um ideário que deveriam ser introjetados pelos estudantes e postos em prática num futuro próximo. Assim, nos textos em que se faz *o elogio do trabalho*, este é caracterizado como: “a força necessária para manter a organização social e desenvolver a atividade pessoal.” E, para tal, a aprendizagem está sujeita a uma dupla disciplina, isto é, o exercício diário e o “guia da inteligência”, o ensinamento: “Nenhuma ação pode fugir ao treinamento constante inteligentemente dirigido. O meio próprio constitui escola que é formadora única dos indivíduos conscientes”. O trabalho surge ainda como o caminho infalível para se alcançar o progresso: “sem ele começa o enfraquecimento das forças, a falta de entusiasmo, a direção reta para a morte. Com êle⁹, o revigoramento incessante das molas produtoras, o avanço das engrenagens condutoras, o movimento uniforme dos dínamos que sustentarão as energias formadoras do destino da pátria”. (O APRENDIZ, n. 3, mai. 44, p.1).¹⁰

E também: “como o fator de primeira necessidade para a vida de um povo.”, considerado significativo para a nação: “O trabalho é indispensável à vida de um povo porque sem trabalho não pode haver progresso. Por isso, brasileiros, trabalhem com ardor, contribuindo com o progresso de nosso Brasil, tornando-o cada vez mais forte e poderoso.” (O APRENDIZ, n. 3, mai. 44, p. 3).¹¹

O tema em destaque nesta edição, apresentado no editorial de capa pelo mestre, é seguido pelo aprendiz, utilizando os mesmos argumentos do trabalho como elemento fundante da ordem social e do progresso, lição a ser aprendida na escola. No contexto em que se vivia também a Segunda Guerra Mundial, ao trabalho é atribuído ainda o significado de “garantia contra as adversidades”:

o trabalho foi, talvez, a primeira criação que o homem introduziu em seus hábitos. Sem ele jamais poderiam os povos alcançar o estado atual de civilização. É bem possível que na era mais remota o homem trabalhasse apenas para satisfazer suas necessidades mais imediatas. Atualmente, porém, êle tem de pensar no futuro, não só como defesa

⁹ Mantivemos, na transcrição dos textos, a ortografia original impressa n’O APRENDIZ.

¹⁰ Trechos do texto “O Trabalho” do professor Carlos Sepúlveda, publicado na capa.

¹¹ Trechos do “Dia do Trabalho”, de autoria do aluno, Reginaldo A. da Silva, 2ª série C.

aos interesses que o cercam, mas também como garantia contra as adversidades. (O APRENDIZ, n. 3, mai. 44, p. 3).¹²

O texto destaca as comemorações do dia 1º de maio, que simboliza os ideais dos que trabalham no campo, nas escolas, nas fábricas etc., para o aperfeiçoamento da humanidade, e seu enunciador defende que “todos nós, alunos dos cursos industriais, precisamos, portanto, melhorar constantemente os conhecimentos adquiridos a fim de que possamos em futuro próximo levar o nosso esforço aos que trabalham pelo Brasil.”

O elogio do trabalho apresenta-se ainda no Hino da Escola Técnica, que era cantado nas comemorações cívicas, uma vez que essa escola sempre teve por lema “TRABALHAR”:

Corô - O TRABALHO é a fonte suprema/Donde brotam a ORDEM e o PROGRESSO/Gera a força, a riqueza e o valor,/Criadores do BEM no Universo./TRABALHAR, TRABALHAR – eis o lema/Que unidos devemos seguir./Homens fortes, capazes, seremos/Para bem nossa PÁTRIA servir.

Canto - Nesta ESCOLA, regaço de luz,/Onde imperam as leis do TRABALHO,/Forjaremos o nosso ideal/ “Dentre a orquestra da SERRA e do MALHO”.(O APRENDIZ, n. 3, mai. 45, p. 1).¹³

E ecoa também no texto do aluno Hélio R. Cunha (2ª série C), no qual o trabalho é caracterizado como “o melhor amigo do homem”, uma vez que ele lhe proporciona “o seu sustento” e “o seu bem estar”. Surge ainda como um remédio, pois “vence todos os males da vida, fortalecendo o espírito do homem, dando-lhe vida e vigor.” Mais intrigante nessa caracterização é o maniqueísmo. Vejamos: “As pessoas ociosas nunca poderão ser honestas; só darão para más ações, serão sempre uns seres inúteis. O homem que deseja a vida sem trabalho pode ser comparado a ‘um peixe que desejasse o exgotamento (sic.) do mar.’ Como poderia viver?” O trabalho surge ainda como fonte de realização profissional, quando desenvolvido de forma altruísta. O enunciador demonstra que aprendeu as lições sobre os benefícios do trabalho, pois já vem realizando-o enquanto estudante:

Uns há que enfrentam o trabalho como um simples ganha-pão; considerando-o assim um verdadeiro castigo. Mas, muito ao contrário,

¹² Trecho do texto “O Trabalho”, do aluno Rivaldo Batista Ramos (4ª série).

¹³ Em homenagem ao Dia do Trabalho, que não foi comemorado neste ano (1945), a escola criou esse hino, cuja letra é de autoria da professora Mariêta Lobão Gumes e a música do professor Gerson Simões Dias.

no trabalho resumem-se os prazeres da vida, por isso devemos esquecer a ambição e trabalhar por gosto, contentes e felizes, pois êle dá ao homem tudo de bom que êste possa aspirar para a sua felicidade.

Nós, estudantes, já começamos na vida de labor, estudando, instruindo-nos, preparando-nos em nossos ofícios, afim de que, futuramente, pelo nosso trabalho especializado e eficiente possamos contribuir com a grandeza do Brasil, que muito espera de nós. (O APRENDIZ, n. 3, mai. 45, p. 12.).¹⁴

A *criança que estuda* já estava “na vida de labor” uma vez que ela aprendia nas oficinas a arte de ofício escolhida. Ela era também aquela que tirava boas notas, que frequentava a escola, que amava a pátria e a verdade em detrimento da mentira, que se esforçava para aprender, para passar de ano e se formar, que gostava da escola, dos colegas e dos mestres, e que, no futuro, colaboraria com o progresso da nação brasileira por meio do trabalho. Alguns desses traços estão presentes no depoimento do aluno Josué dos Santos Borges, da 1ª Série D, escrito dois meses depois que ingressou na escola, e publicado na edição de maio de 1944:

Entrei na Escola Técnica de Salvador, afim de aprender o ofício de mecânico pois é o [sic.] êste o meu desejo visto ser de grande utilidade para o Brasil.

E quando fôr grande servirei a minha Pátria. Não é apenas no campo de batalha que se serve à Pátria; é também na paz, trabalhando pelo seu progresso moral e material, exercendo com dedicação e honestidade as funções públicas.

Todo cidadão deve amar a sua Pátria, servi-la, honrá-la e engrandece-la, seguindo os exemplos de Ruy Barbosa, Manoel Vitorino, Virgílio Damásio e outros.

Trabalhem em favor do nosso querido Brasil! (O APRENDIZ, n. 3, mai. 44, p. 3).¹⁵

Todos os textos dessa edição d'O APRENDIZ, de forma direta ou indireta, trazem elementos significantes que reforçam o ensino moral por meio do discurso higienista e cívico. Constatamos igualmente a inter-relação entre a educação moral, intelectual e física. Um discurso recheado de sentidos, de disciplina, obediência, abnegação, submissão em prol do Brasil. O espírito cívico, *o amor pátrio*, é exaltado como um grande valor moral assim como o trabalho.

¹⁴ Trechos do texto “O Trabalho”, escrito pelo aluno Hélio Ribeiro Cunha – 2ª Série C.

¹⁵ Texto “O que desejo ser quando for grande”, escrito pelo aluno Josué dos Santos Borges, 1ª Série D.

O discurso nacionalista propagado pelo Governo Vargas perpassa os textos escritos tanto pelos professores como pelos alunos. Aos aprendizes caberia colaborar com o desenvolvimento da nação brasileira por meio do trabalho na indústria como defende o enunciador do texto “O Estado Novo”, cujo regime político “Desenvolveu extraordinariamente as indústrias, para as quais, nós, aprendizes da Escola Técnica de Salvador, muito teremos que colaborar com o chefe do país afim de que façamos do Brasil um dos maiores parques industriais do mundo.”

O objetivo das escolas técnicas nesse momento seria, portanto, formar operários qualificados para engrandecer o país economicamente, conforme texto de responsabilidade da Redação do jornal:

O Brasil, para seu engrandecimento, precisa de contar com o preparo técnico de seus filhos, para aproveitar os tesouros de suas possibilidades e engrandecer sua economia. (...) Assim, naturalmente pensou o presidente Getúlio Vargas, encaminhando a mocidade para o preparo real que lhe dará os meios de ajudar a marcha progressiva para o futuro de grandezas que o Brasil espera.

O texto “Ser Mãe...”, redigido pela professora Mariêta Lobão Gumes, embora não explicita o discurso moral, traz em seu bojo os mesmos ensinamentos. Nele, há menção à formação da mulher, mas não só, pois o artigo funciona como ferramenta educacional importante para todos, homens, mulheres e jovens e explicita a forma como a cultura deve considerar a mulher mãe. Isto é, a produção de sentidos relacionados ao modelo de gênero feminino cultuado pela nação, os modos de ser do povo para se atingir o desejado ORDEM e PROGRESSO: “Vir ao mundo, despertar para a vida significa – entrar em luta e para lutar sempre. [...] Para o homem, ser inteligente, essa luta toma o caráter tipicamente ‘humano’ e, por isso mesmo, mais árdua, mais dolorosa e difícil de ser compreendida e sustentada. Somos escravos de nossas ideias e aspirações”.

O artigo continua definindo a mulher e a mãe como sendo “este sêr imensamente terno e bondoso que se sacrifica incondicionalmente pelo seu filho.”(...) a heroína de todos os instantes que, nas vigílias das noites de sofrimento ainda tem ânimo de cantar para adormecê-lo!” Finaliza com as tarefas da mãe, que seriam traçar as normas “dos nossos deveres, procurando despertar em nosso íntimo, desde cedo, os sentimentos de responsabilidade, honradez e probidade. Enfim, ser MÃE em toda a acepção do vocábulo, isto é, guia, farol, estatuário, providência, arrimo, perdão, sacrifício, carinho, sorriso,

lágrimas – é ser tudo de melhor que a vida nos poderia ofertar.” (O APRENDIZ, n. 3, mai. 44, p. 2).

O *amor pátrio* se manifesta ainda nos textos sobre os símbolos nacionais, as datas cívicas e os vultos históricos: “Nossa Bandeira”; “Castro Alves”, “Tiradentes”, “Salve Caxias”, “Principais Figuras da Independência”, “Vultos da Nossa História”, “Heróis do 2 de julho”; etc. Assim, a controvérsia sobre a importância da data considerada como marco da Independência da Bahia e não do Brasil, o 2 de julho, surge no texto “Dois de Julho”, de responsabilidade da Redação do jornal:

Ao escrever este artigo em homenagem ao 2 de julho, a nossa única preocupação é chamar atenção de todos os brasileirinhos que nos lêem (sic.) para a magnitude desta grande data bahiana, que deveria ser uma grande data nacional, se não a maior data brasileira!

Sim! Porque se no Sul do país a Independência se fez meramente por cerimoniais políticos, na Bahia, conquistamo-la depois de um ano inteiro de renhida luta, contra os lusitanos opressores da nossa Pátria. (OAPRENDIZ, n. 5, jul. 44, p. 3).

Os *cuidados higiênicos* é outra temática que mostra a permanência do ensino moral na Escola Técnica de Salvador no período citado. Dentre as 17 edições publicadas nos anos 1944-1945, 10 trazem a sessão HIGIENE, com “assuntos odontológicos” ou “conselhos de higiene” alternados. A edição de maio de 1944 anuncia a publicação do ABC da Higiene enviado pela Inspeção e Propaganda Sanitária, cumprindo, portanto, o “grato dever de divulgar conhecimentos higiênicos entre os aprendizes de nossa escola.”. Neste número apresenta as primeiras 7 normas:

- A) AR puro é tão necessário à vida quanto alimento: ambos tonificam o organismo e evitam doenças.
- B) BANHO FRIO diário evita resfriados constantes. BOM costume higiênico é lavar as mãos antes das refeições.
- C) CORRER ao ar livre é bom exercício.
- D) DENTES bons revelam boa saúde. DORMIR cedo é necessário à saúde.
- E) ESCOVAR os dentes todos os dias, pelo menos de manhã e à noite, é o melhor meio de conservá-los perfeitos.
- F) FRUTAS são bons alimentos, gostosos e úteis. FAZER refeições à horas certas significa zelar pela própria saúde.

G) Garganta que dê deve ser examinada imediatamente. Ganha tempo e dinheiro quem cuida da saúde. (continua no próximo número).(O APRENDIZ, p. 2)¹⁶

O ensino moral surge ainda nas máximas introduzidas para preencher os espaços que sobram depois da montagem dos textos principais, a exemplo dessa : “Os bons impulsos de nada valem, se não forem seguidos das boas obras.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise realizada até o momento, podemos inferir que O APRENDIZ se constituiu no suporte de uma prática de longa duração, que se perpetua no ambiente escolar, concordando com a proposição apresentada por Chartier (2007) de que o ensino da moral republicana na escola laica, embora pautado em valores positivistas – científicos –, permaneceu transmitindo os valores morais, agora na esfera da cidadania, “direitos e deveres”, e também do religioso, conforme expressa essa máxima retirada do texto de apresentação da primeira edição do segundo ciclo d’O APRENDIZ: “Educar! Para DEUS, para a PATRIA, para a HUMANIDADE.” (O APRENDIZ. n. 1, mar. 44, p. 2).

Estes discursos assinalam a permanência na escola do ensino moral em paralelo ao ensino científico (profissional/intelectual) e à educação física. E ainda a importância do jornal escolar como instrumento pedagógico de inserção dos aprendizes no ambiente escolar e profissional da época, transmitido uma ideologia presente na sociedade de forma clara e precisa, tanto no que se refere à configuração programática do jornal, como aos sentidos produzidos pelos enunciados e textos apresentados. Em contrapartida, presenciamos alguns poucos espaços neste meio de comunicação para a expressão de anseios, sonhos e percepções da realidade, fora do que se considerava o prioritário à época.

A cultura se forma no entrelace de perspectivas que ora se aproximam, ora se distanciam ou se contrapõem, apontamos a presença do lazer e do riso, nas colunas d’O APRENDIZ, buscando, por vezes, o contraponto cultural. No entanto, no que diz respeito às temáticas aqui abordadas, constatamos uma homogeneização no modo de ver essa

¹⁶ O número 4 (jun. 44) e o número 5 (jul. 44) dão outros passos dessa receita higienista.

cultura, os discursos propagados pelos mestres são incorporados pelos aprendizes das lições morais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASASANTA, Guerino. *Jornais escolares*. São Paulo: Nacional, 1939. (Atualidades Pedagógicas, n. 32).

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação de professores da escola primária. Trad. de Maria Cecília Silveira Bueno. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, 1998. n. 08, mai./jun./jul./ago. p. 4-9.

CHARTIER, Anne-Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita, história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, CEALE, 2007, p. 21-66. (Linguagem e Educação)

DECRETO LEI Nº 4073, DE 30 DE JANEIRO DE 1942, com as alterações constantes nos decretos-lei 8680, de 15 de janeiro de 1946, 9183, de 15 de abril de 1946, 9898, de 22 de julho de 1946 e na lei nº 28, de 15 de Fevereiro de 1947. In: *Legislação do ensino industrial*. Salvador-Ba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Salvador, 1951.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Autores Associados, n.1, 2001. p. 115-141.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentidos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

